

ACADÊMICO

jornal catarinense de opinião
EM CO-EDIÇÃO COM AS FORÇAS OSCURAS DO IDEALISMO

ANO VII • Nº 58 * MARÇO/82 - BLUMENAU-SC - Cr\$ 20,00

Renato Vianna:

abre o jogo

(Política, Cultura & Educação - FURB)

Basta de concessões!

O depoimento de Renato Vianna, no que diz respeito a cultura, é profundamente elucidativo: a nível municipal, os elementos que deveriam promovê-la subsistem em constantes animosidades fazendo do pensamento sartriano (o inferno são os outros) um verdadeiro axioma; a nível estadual então, a "coisa cultural" adquire formas demoníacas, assustando os "donos do poder" que pouco fazem para redimi-la.

Nós reunimos um grupo de pessoas que tentarão fazer da convivência, algo mais que um "exercício de paciência" (como diria Lacerda) e tentar com o poder revolucionário das palavras

e das idéias, interferir nos destinos confusos da cultura catarinense, a nível municipal e estadual.

Acabamos de perder o "Projeto Pixinguinha" que não virá à Sta. Catarina este ano, justamente pela incompetência deste governo em desenvolver uma política cultural compatível com as nossas necessidades.

Artistas renomados (Mercedes Sosa, Gal Costa, Pepeu Gomes e Baby Consuelo, para citar alguns) recusam-se, peremptoriamente, a vir Sta. Catarina porque não existe condições (na capital, sede do Governo) para que se apresentem em público.

A ausência de muitas de-

finições na área cultural, culmina refletindo na própria cidade em que o governo mantém a sua inoperância (bem remunerada e passiva) a um grau impossível de ser ignorada... e nós, as vítimas insubordinadas deste estado de "misericórdia criativa" (que o governo estimula com sua indiferença) permanece-mos gritando para um autoritarismo surdo e que insiste em não ouvir os apelos de uma cultura que estertora num mundo em que eles administram.

Preocupam-se, ostensivamente, em imprimir um calendário cultural cujo ponto alto são as "Festas de Fundação do Município"

dos diversos pontos do estado catarinense... quer dizer, a falta de uma política — a nível de estado — onde viceja uma fatuidade oportunista e infecunda, porque mal administrada, acaba resultando nisso.

Abandonem o papel couchê nos calendários inúteis dos convites supérfluos, e invistam esta diferença (que não foi gasta para manter aparências ilusórias) em indivíduos competentes para desenvolver (com os recursos naturais e os valores humanos existentes — em cima de uma estrutura planificada) uma política cultural que atenda o que Santa Catarina já fez por merecer.

UM BATE-PAPO COM:

Fábio Lucas

Literatura e História

DE ÚLTIMA HORA

A CHAPA "RENOVAÇÃO" ENCABEÇADA POR FÁBIO LUCAS ACABA DE GANHAR AS ELEIÇÕES PARA A UNIÃO BRASILEIRA DE ESCRITORES DE SÃO PAULO.

Escritor desprestigiado pela classe

Mais dois catarinenses calçados à imortalidade: Antônio Carlos Konder Reis (o ex-governador) e o poeta e presidente da Associação Catarinense de Escritores, Pinheiro Neto.

Quanto a este último nada a acrescentar. Concorreu sozinho à cadeira nº 24 e brevemente será empossado. Quanto a Antônio Carlos, que disputou a vaga por Luiz Gallotti (cadeira nº 2.) sabíamos que era advogado, museólogo emérito orador, respeitável político e autor de alguns livros técnicos. E por isso mesmo perguntamos: serão estes os quesitos exigidos pela Academia Catarinense de Letras para a admissão de seus postulantes?

Jamais ouvimos falar em algumas ou mesmo alguma obra literária publicada pelo ex-governador Antônio Carlos. Quanto ao outro candidato, o escritor e promotor

público Enéas Athanázio, sabemos ser autor de sete obras (excluídas as antologias) distribuídas nas áreas da ficção, da crítica literária, do ensaio biográfico e da jurisprudência.

Resultado da apuração dos votos acadêmicos: 23 para o ex-governador, 11 para o escritor Enéas Athanázio.

Depois da publicação da nota acima, e de mais três outras no "Jornal de Santa Catarina", sempre indagando à Academia Catarinense quais as razões ou critérios obedecidos na escolha do ex-governador, ouvimos, na entrevista que o presidente da Academia, Celestino Sachet, concedeu ao jornalista Moacir Pereira, no Jornal do Almoço (TV Coligadas), a tão esperada explicação: "Prestígio comunitário".

Agora sim o postulante derrotado, o escritor e promotor público Enéas Athanázio,

"está no mato sem cachorro", usando uma de suas expressões. Se queriam homenagear o ex-governador por que não seguiram o exemplo da sua congênera nacional que outorgou ao atual governador Jorge Bornhausen a Medalha Machado de Assis conferida pela unanimidade dos imortais pelo apoio dado à cultura? Fazer o que fizeram com o escritor Enéas Athanázio, no dizer do acadêmico Nereu Corrêa "Um escritor que surge com (Meu Chão) na plenitude de seus recursos, assinando alguns contos que podem figurar entre os melhores da ficção regionalista já produzidos no Brasil", no mínimo magoaram-no.

Tornamos a repetir: É assim procedendo que querem dar força e expressão à cultura catarinense? Em especial à literária?

Vilson do Nascimento

Novos poetas serão revelados em abril

Quarenta e dois. Este o saldo do concurso organizado pela Fundação Casa Dr. Blumenau. Mais uma vez a direção daquela casa vê recompensado seu trabalho de divulgação dos valores literários de Blumenau, sejam eles conhecidos ou emergentes.

Em 1980 foi lançado o Concurso de Contos. Bem acolhido, resultou na publicação da antologia Contistas de Blumenau II (a primeira antologia reuniu apenas os autores convidados). Em 81 a

Fundação Casa Dr. Blumenau, objetivando imprimir maior dinâmica ao Concurso e ao mesmo tempo promover outro gênero literário, transformou-o em Concurso de Poesias.

Dia 1º de março foi o último dia fixado para a entrega dos trabalhos. Resultado: trinta inscritos, os quais, somados aos doze autores convidados (poetas com livros publicados), totalizaram quarenta e dois, resultado que consideramos excelente.

Conforme determina o regulamento, dentre os concorrentes dez deles serão escolhidos (sem escala de classificação), e publicados no livro POETAS DE BLUMENAU, juntamente com os autores convidados. Além da publicação em livro, a ser lançado no segundo semestre deste ano, os poetas selecionados pelo júri dividirão entre si o prêmio de trinta mil cruzeiros oferecidos pela Prefeitura de Blumenau.

ACADÊMICO

Empresa Editora Jornal Acadêmico Ltda.
 Caixa Postal 1124
 Rua Amazonas, 1128
 89.100 - Blumenau - SC
 CGC — 83.949397/0001-63
 Junta Comercial
 42200451-40

Registrado no INPI — Instituto Nacional de Propriedade Industrial.
 Jornal Acadêmico:
 Menção Honrosa "Prêmio Parker de Jornalismo" promovido pela Parker Pen do Brasil, 1975 (São Paulo).
 Menção Honrosa "Mérito Cultural" cedida pela União Brasileira de Escritores, 1981 (Rio de Janeiro).

Diretor e Editor Responsável
 Oldemar Olsen Jr.

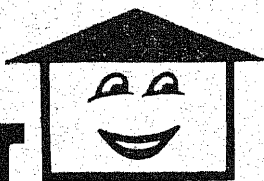
Redação:
 Maria Odete Gnório Olsen
 José Endoença Martins
 Roberto Diniz Saut
 Vilson do Nascimento
 Gervásio Tessaleno Luz
 Enéas Athanázio
 Lindolf Bell

Os conceitos e idéias emitidos em matérias assinadas não expressam, necessariamente, a opinião do Jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores.

Todas as matérias podem ser reproduzidas no todo ou em partes, desde que citada a fonte.

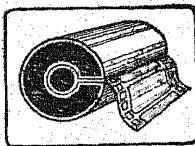
Composto e impresso nas Oficinas Gráficas da "Fundação Casa Dr. Blumenau".

PROBST



Estudante!

Crie, use, renove, construa.



CineFoto CARLOS

Câmaras - Filmes - Projetores - Revelações a Cores
 Fotos p/Documentos, Casamentos Etc...

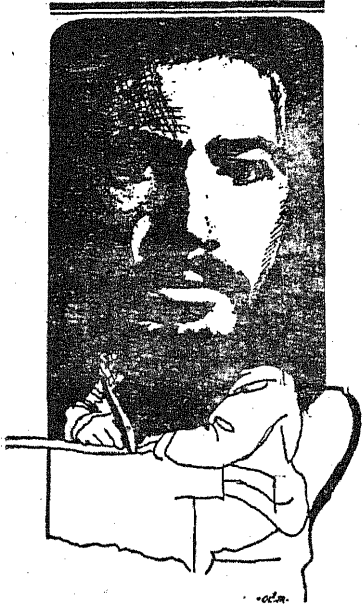
Rua Curt Hering, 320 — Loja 3 — Caixa Postal, 1467 — Fone 22-4333
 Em frente ao Correio — 89100-BLUMENAU — SANTA CATARINA

Pemac
 malhas

CAMISETAS PROMOCIONAIS
 CAMISAS, CAMISETAS, CONJUNTO EM
 MALHAS DE ALGODÃO

Rua General Osório, 950 - C.P. 2088
 Fone (0473) 22-4438 - Bairro da Velha - Bl. SC.

Revistas em quadrinhos: alienados são vocês



Oldemar Olsen Jr.

ANTECEDENTES

Lendo um semanário da capital, deparei com duas declarações (em circunstâncias diferentes) que me deixaram perplexo. Ambas afoitas ao mesmo tema e unânimes em concordar que as revistas em quadrinhos são alienantes.

A primeira afirmação fora patrocinada por um livreiro e tinha como pano de fundo, a recente campanha levada a termo pela Tv Coligadas de Blumenau, juntamente com uma empresa (J.N.T.) distribuidora de jornais e revistas... a campanha consiste no seguinte: "A JNT cede (periodicamente), um número prefixado de revistas e a Tv Coligadas divulga o nome do bairro e o local onde estas revistas serão distribuídas, gratuitamente, à comunidade".

Se vocês me perguntarem: "mas não há interesse nenhum atrás disso?" Eu respondo: "Há e muito, vejam só" ... A JNT (de quem partiu a iniciativa) ganha com a promoção porque tem o seu nome veiculado pela Tv; a Tv adquire um maior prestígio (além daquele que já possui) junto à comunidade, por estar engajada em uma ação filantrópica e a comunidade, por sua vez, tem alguns de seus elementos (com baixo poder aquisitivo) aquinhoados com a possibilidade de ler alguma coisa...

... Naturalmente que, para o livreiro de Florianópolis, seria interessante distribuir livros no lugar de revistas (de preferência, os editados por ele) ignora, entretanto, o referido proprietário da livraria, que a campanha em Blumenau foi uma iniciativa particular, livre e espontânea de um empresário que simplesmente resolveu "doar revis-

tas" e de uma Emissora de Tv que aceitou esta iniciativa. Agora, esta promoção poderia ser aprimorada (dentro da concepção do livreiro) se, ao invés de revistas, distribuissem livros. Acreditamos que sim, o trabalho poderia ser iniciado em Florianópolis uma vez que Blumenau já está bem servida.

A segunda afirmação, partiu de um poeta (com diversos livros publicados).

No primeiro caso, a afirmação de que as revistas em quadrinhos são alienantes, justifica-se (não vamos entrar fundo nos méritos da questão) porque cada um busca satisfazer os seus próprios interesses, e do ponto de vista do livreiro, o lado econômico é o que conta.

No segundo caso, fico entristecido por ter que admitir a ignorância que se institucionaliza (mesmo a nível da sensibilidade de um poeta) a respeito de algo tão sério como as Revistas em Quadrinhos.

Mais chocado fico ainda, por saber que inúmeros recursos para decodificar a linguagem (implícita) dos quadrinhos, estão disponíveis (de natureza semiótica, filosófica, ideológica, política, sentimental, poética, existencial, trágica, fantástica, surrealista, etc.). Bastando para isso um pouco de interesse e nada mais.

ALGUNS FATOS QUE ATESTAM A IMPORTÂNCIA DOS QUADRINHOS:

Muitas pessoas aprenderam a ler, graças as revistas em quadrinhos (sou um exemplo disso); a revista Tio Patinhas foi proibida no Chile; clássicos da literatura universal como Charles Dickens, Alexandre Dumas, Victor Hugo e Edgar Allan Poe, tiveram ampla difusão pelos quadrinhos... romances e contos (Os Miseráveis, Os três Mosqueteiros, O Conde de Monte Cristo, Os Crimes da Rua Morgue, O Homem que Ria — para citar alguns). Da mesma forma, Alice no País das Maravilhas (Lewis Carroll), Viagens de Gulliver (Jonathan Swift), Dom Quixote (Miguel de Cervantes), A Ilha Misteriosa

(Robert L. Stevenson) e até os clássicos religiosos como a Bíblia, Ben Hur, Quo Vadis? Etc.; os quadrinhos serviram (e ainda se servem) para difundir ideologias, modos de vida, maneiras de pensar que culminam influenciando no comportamento e na formação de personalidades tendo conseqüências a longo prazo; os quadrinhos mostram nossas ambições, temores, frustrações sonhos ideais e principalmente, uma maneira singular de resolver (ao menos no nível das idéias) nossos problemas imediatos.

OUTROS FATOS SÃO ARROLADOS POR MOACYR CIRNE (1)

A Apollo 8 e seu módulo lunar foram cognominados, respectivamente, de Charlie Brown Snoopy, os dois célebres personagens de Charles Schulz (Peanuts); em 1942 Goebbels declarou: "Superman é um judeu"; na Itália, Flash Gordon foi proibido por Mussolini; no Texas foi erigida uma estátua em homenagem a Popeye durante a II Guerra Mundial, Tarzan, Mandrake, Fantasma, Flash Gordon, Capitão América, Super-Homem e até o Príncipe Valente — para satisfação das forças militares americanas — combateram (direta ou simbolicamente) os nazistas e japoneses; Artistas e teóricos consagrados internacionalmente se confessam estudiosos ou admiradores dos quadrinhos: Picasso, Jean-Luc Godard, Frederico Fellini, Marshall McLuhan, Umberto Eco e Alain Resnais; Al Capp foi sugerido para o Prêmio Nobel de Literatura por John Steinbeck.

É de Fellini a seguinte declaração: "Os quadrinhos! Não li quase outra coisa. Conservo ainda com minha mãe uma coleção de 1927 de Corrieri dei Piccoli... se pudesse filmar Flash Gordon ou o Fantasma, seria o mais feliz dos homens!".

IDEOLOGIA E LINGUAGEM

Não existe leitura inocente (Althusser), não existem livros inocentes (Macherey).

Há nos quadrinhos uma in-

tenção implícita e uma intenção explícita. Por trás de uma história, aparentemente simples com caráter lúdico, existe toda uma parafernália de metáforas, símbolos, gestos... e que denunciam o verdadeiro estado ideológico de uma classe social de que em em última estância, a revista é um produto. "Para Althusser, a ideologia tem uma existência material. Como consequência desta materialidade da ideologia — são os aparelhos ideológicos de Estado (os sistemas religiosos, escolar, familiar, jurídico, político, sindical, informativo, cultural) que vão interessar no enfoque dos quadrinhos.

Assim sendo, os quadrinhos — sistemas culturais (artísticos) veiculados pelos sistemas de informação — devem ser entendidos como representação de um determinado aparelho ideológico. É nesta perspectiva — de onde surge a forma na qual a ideologia de uma dada classe social necessariamente deve se realizar (cf. Althusser) — que se compreende a problemática existencial de um Capitão América, por exemplo." (2)

Superman (1938), Batman (1939) e Capitão Marvel (1940) não surgiram por acaso. "Desorientada e decepcionada, a classe média precisava de super-heróis. Somente uma sociedade de consumo, como a norte-americana, cuja alienação ideológico-participacional era evidente, poderia oferecê-los em grande escala". (3)

Não existe a necessidade (podemos até dispensar) o uso de chavões surrados como "a necessidade ideológica do sistema de se auto-justificar" (4)... mas como existe uma nova crítica literária (nascida fora das faculdades de Letras) e uma nova crítica cinematográfica (nascida fora dos cineclubes), é preciso que exista uma (nova) crítica de quadrinhos. (5)

E João Soares, em curto porém agudo artigo, vê no Capitão América, de 1940, um reflexo chauvinista da política externa norte-americana. O seu uniforme listado e estrelado seria a própria bandeira dos Estados Unidos, enquanto

(Continua)

o escudo teria uma conotação simbólica: só ataca para se defender, exatamente como querem demonstrar o Pentágono e a Casa Branca nos mais variados conflitos da Ásia, África e América Latina. Daí por que o Capitão América sofreu um certo ostracismo no período kennedyano, ressurgindo agora com redobrado ímpeto. (6)

Da mesma forma poder-se-ia conjecturar sobre a proibição do Flash Gordon por Benito Mussolini.

O herói (Flash Gordon) representa um país (Estados Unidos) que interfere e caça implacavelmente os vilões (inimigos da democracia) em todos os lugares (planetas, nos quadrinhos), (Países, na vida real).

Há uma ingerência imperialista (americana) através do

mito (herói) no sentido qui-xotesco de moldar o planeta (países) à sua imagem e semelhança.

Aventa-se ainda, as relações poligâmicas e poliândricas sugeridas (implícitas) nas histórias de Flash Gordon, uma perspectiva que certamente o regime fascista não tolerou.

Mas graças a alguns preconceitos tornados públicos, recentemente, pude realizar um "velho projeto" a muito tempo acalentado, que era fazer uma interpretação político-ideológica da revista Tio Patinhas, mas de um prisma insólito que pudesse ter a propriedade de escandalizar, chocar, de fazer os ortodoxos torcerem o nariz e dos progressistas a ter orgasmo... algo como: O TIO PATINHAS

SOB UMA ÓTICA MARXISTA.

Poderia falar "de cadeia" sobre o Super-Homem, afinal, o fotógrafo JIMMY OLSEN (colega de Mirian Lane, ambos trabalhando na redação do jornal "O Planeta Diário") é meu parente e o jornalista Clark Kent (Super-Homem) não ficaria imune, ou melhor, escaparia ileso, a uma análise psico-social de sua dupla personalidade realizada assim, distante das emoções. Mas trabalhar com parentes é chato, eu abdicar desta condição (mesmo porque, Jimmy Olsen não me poderia ajudar muito, uma vez que ele nem sabe qual é a identidade falsa do Super-Homem, embora trabalhe com Clark Kent).

O que deveria ser um simples artigo, acabou constituindo-se num ensaio e não coube

nesta edição, de forma que me despeço com todo o cinismo possível prometendo trazer na próxima edição o ensaio: "O TIO PATINHAS SOB A ÓTICA MARXISTA (Alienação e Dialética).

- 1 — Cirre, Moacy. "A Explosão Criativa dos Quadrinhos". Ed. Vozes, Rio de Janeiro 1970, p. 7.
- 2 — Cirre, Moacy. (A Linguagem dos Quadrinhos". Ed. Vozes, Rio de Janeiro 1971, 2 ed. pp 15 e 16.
- 3 — Idem, cit. (1), p. 12.
- 4 — Neves, Felipe Baeta. "Crítica às Leituras Formalistas da Ideologia". Revista Vozes, n° 7, Rio de Janeiro 1973, p. 22.
- 5 — Idem, p. 17.
- 6 — Ibidem, pp 19 e 20.

TESSALENO

VERDE VALE GLOBAL

Mais uma vez o Brasil se curva diante de Santa Catarina. Explico: A Rede Globo de Televisão pretende lançar uma novela abordando o tema imigração alemã.

Os roteiristas estiveram em Blumenau semana passada. Com "Verde Vale" debaixo do braço. E contatos com a autora, Urda Alice Klueger.

Não com muita vontade, deu-me a notícia. Em primeira mão. Desautorizando-me a publicar uma linha antes do desenlace. Mas, todavia, contudo... jornal mensal também tem direito a um furozinho de vez em quando.

A história (ou estória) de Urda, passada às margens do Itajaí, entusiasmou o pessoal da mais poderosa organização de tevê no Brasil, em co-produção com sua similar germânica.

A escritora disputa com Vianna Moog ("Um Rio Imita o Reino", colonização deutsche no Rio Grande do Sul), Ricardo Hoffmann ("A Superfície" — Blumenau, um tanto densa, nebulosa, psicológica, mais apropriada a um filme de Bergmann ou Walter Hugo Knoury) e Lausimar Laus ("O Guarda-Roupa Alemão" e mais...).

Com o sim ou com o não resta-me um consolo: se não vi Verinha Fischer entre minhas ex-alunas, uma escritora com prováveis chances de projeção nacional lava-me a alma.

Em tempo: Caso "Verde Vale" emplaque, substituirá "Terras do Sem Fim", no horário das seis, do "pouco" conhecido Jorge Amado.

IMPRESA CAPENGA

Cidade do interior. Época em que as paradas cívicas reuniam um montão de gente, representantes das mais diversas profissões. Todo mundo marchando convicto, a gastar solado de sapato e a lustrar os velhos paralelepípedos da rua principal. Numa das alas, lado a lado, quatro jornalistas, todos mancos de nascença. Na calçada, atentos, um advogado (Luís Navarro Stotz) e um cronista de jornal (Mano Jango). O primeiro vira... para o amigo e lasca impiedoso:

— Tás vendô? A imprensa desta terra cambaleia!

PRESENÇA DE ESPÍRITO

Nos corredores de um colégio, passeia pensativo um velho professor. Homem forte, gordo, intelligen-

te de causar inveja a Ruy Barbosa. Calças largas e braguilha desabotoada. O diretor do educandário (Joaquim Floriani) ao perceber, avisa-o imediatamente:

— Mestre, fecha a calça! Este, duma tranqüilidade mineira, nem se abala e, com carregado sotaque germânico, responde:

— Que tem isso? É normal. Em casa de defunto, as portas estão sempre abertas.

CÁLCULOS MENTAIS

Repartição pública. Um funcionário, humilde e pouco chegado às letras, entusiasma-se com a possibilidade de melhorar posição e rendimentos. Resolve enfrentar um concurso recém-divulgado. Procura o chefe à cata de conselho. Quer informações sobre o programa e quicá colher alguns macetes. O consultado, tremendo gozador, não perde a ocasião:

— Não te apavora. Mas um cuidadinho com a matemática não faz mal a ninguém. E azar se cair um problema que nem Einstein, o gênio, conseguiu resolver. São os danados dos cálculos renais.

Arrependeu-se. Dali, em diante, até a data do concurso, cadê sossego! Era o

funcionário a persegui-lo num apelo mais ou menos assim:

— Me ajuda. Me esclarece. Tenho consultado tudo que é livro de matemática e não localizo, de jeito algum, a tal operação dos cálculos renais.

ABC DOS ANARFA

O comerciante, hoje milionário, alvoroçado, procura o amigo em casa.

— Sabes o que significa venal? O prefeito (Hercílio Deeke) acaba de me chamar de venal e pela cara dele não deve ser elogio.

O amigo também desconhecia o esquisito termo. Mergulharam num dicionário. Eram sete da noite. E começou o calvário — a, aarônico, aniúba, azoinante, beluário, bichoco, cachoante, diruir. Para encurtar a conversa mas não o tempo gasto pelos dois, enfrentaram, letra por letra, palavra por palavra. As cinco da matina, suspiraram aliviados, missão cumprida, em que pesasse o significado do termo. Um vizinho, sabedor do fato, comentou:

— Inda bem que o dicionário era pequeno. Fosse desses de mais volumes, a tarefa, duraria, no mínimo, uma semana.

Gervásio Tessaleno Luz

Fábio Lucas



Fábio Lucas é um nome que desponta hoje como expoente de uma nova geração de críticos literários — no mesmo nível de um Leandro Konder, Antônio Hohfeldt, Wilson Martins, Nereu Correa, Pedro Lyra e Vicente Ataíde. Professor na Universidade de São Paulo e um dos líderes do movimento pela renovação da União Brasileira de Escritores sendo candidato à presidência em uma das chapas (a RENOVAÇÃO).

Fábio Lucas exerce sua atividade de crítico com absoluta propriedade (sério, culto, erudito — às vezes, mas com indisfarçável honestidade). Deno de uma oratória eloqüente consegue, sem esforço, cativar platéias inteiras com uma argumentação precisa e pouco con-

vencional, sendo por isso mesmo, revolucionária.

Algumas ponderações sobre uma conferência sua na SUAM — Faculdades Integradas Augusto Mota, no Rio de Janeiro por ocasião do Iº Congresso Nacional de Literatura deram origem a este depoimento que publicamos em função de sua atualidade e por ser contemporâneo de mais uma iniciativa do homem Fábio Lucas. Desta vez, na área política quando tenta — juntamente com Rodolfo Konder, Lygia Fagundes Telles, Ricardo Ramos, Claudio Willer, Samuel Penedo e outros, assumir a direção da U.B.E. de São Paulo, determinando os seus caminhos nos próximos anos.

Acreditando no existencialismo sartriano de que “o homem é o destino do próprio homem”, Fábio Lucas procura dar o testemunho desta convicção, participando de todos os movimentos capazes de produzir no meio social em que vive, uma mudança expressiva... justifica, assim, sua permanência à frente da chapa RENOVAÇÃO na U.B.E., suas críticas sérias sobre obras de relevância para o contexto literário e as constantes e requisitadas incursões por diversas universidades brasileiras, levando a força de seu verbo, a certeza de muitas convicções e sobretudo, a esperança de que há possibilidade de mudanças... bastando para isso, entrar na luta com vontade. A luta, pois!

(O. O. J.)

A LITERATURA E A HISTÓRIA

• Qual foi a influência do evolucionismo e do positivismo na literatura?

Fábio Lucas — A literatura brasileira foi feita sobre a luz do positivismo porque os maiores historiadores de nossa literatura estavam influenciados pela visão positivista e por isto há um certo ar de triunfalismo na história da literatura... tanto (nome que se não entende nesta gravação) como Sylvio Romero se apropriaram da literatura do ponto de vista do positivismo. É uma combinação do positivismo com o evolucionismo. Na medida em que se estudava o corpo humano, a literatura foi adquirindo também uma estrutura orgânica... nascimento, crescimento, apogeu, declínio e morte.

• O fato e o fito; a história e a estória... poderia fazer algumas colocações sobre?

Fábio Lucas — A matéria prima da história é o fato e a matéria prima da literatura é o fito. Acontece que o historiador acaba, pela própria situação política, tornando o fato, um fito, também.

• O contista, o romancista, participam de uma espécie de figura mitológica...

Fábio Lucas — Toda vez que o homem se põe a narrar, a contar, o passado ou

manente da morte, então, o homem ao ter consciência de sua plenitude, ele se torna um criador permanente de mitos. O narrador de histórias, o narrador de literatura ele será o primeiro crítico-criador do mito. Ele executará a função mítica, ele exerce o imaginário, numa forma de transposição da sua plenitude.

• O historiador como epicentro da história da literatura. Você acha que sem o historiador não há literatura?

Fábio Lucas — O historiador como epicentro do fato literário (no comando da literatura) é uma aberração, quando ele organiza a literatura para os outros como se fosse para si. Quando o historiador da literatura compensa as tendências de sua época por ter que atualizar ou por estar de conformidade com determinada história, aí não, ele é apenas um agente através do qual a história se manifesta. Aí ele não será um epicentro, mas será um veículo na história e será um instrumento em que se perpetua a história da literatura. Ele é um selecionador, ele é um organizador, ele que dá ao todo literário, uma ordem que será apropriada...

• Sobre entender o texto, encontrar horizontes de questões...

Fábio Lucas — O que eu falo, não é nada mais nada menos do que uma exposição sobre o princípio do trabalho, uma dialética de perguntas e respostas. Toda a vez que se toma a obra, você leva para aquela obra, uma pergunta sua e espera que ela dê a você uma resposta conveniente. Mas acontece que nenhuma obra é capaz de esgotar o arsenal de perguntas que você tem... então, ao mesmo tempo a obra se torna permutadora. Nessa dialética pergunta e resposta, de leitor e obra...

“O homem ao ter consciência de sua plenitude, se torna um criador permanente de mitos”

o imaginado, ele agrega uma série de atuações que pertence ao passado do narrador... e que são direitos fundamentais. Entre estes direitos, está a ameaça per-

• Dentro desta questão, fale sobre as idéias preconcebidas, os horizontes de expectativas em relação a dialética.

Fábio Lucas — Quando nós tratamos no tema "horizontes de expectativas", nós fomos mais ou menos levados a assumir uma orientação conservadora... como se fosse um horizonte de expectativa determinante. Se fôssemos considerar ainda elementos que fazem uma análise psicanalítica e que ao considerarem o inconsciente, delegam ao inconsciente, a resposta para todas as questões... então assim como os psicanalistas delegam ao inconsciente a resposta para todos os problemas... outros fazem dos "Horizon-

"O historiador é apenas um agente através do qual a história se faz presente"

tes de expectativas", um horizonte universal de todas as respostas. Esta é a limitação que vejo na estética... limitação esta que pode ser corrigida porque a idéia é boa. A idéia do "horizonte de expectativa" é boa, apenas, que o horizonte é móvel, além do mais, quero trabalhar em relação a crítica literária, através de uma escala de observação. Então, na medida em que você considera uma multiplicidade de escala de observação, você tem respostas diferentes do que você vê na obra e também, níveis de apreensão da obra literária...

Você considera, por exemplo, que uma comunidade tradicionalmente consumidora de matéria escrita como é a comunidade brasileira, você pode encontrar um público que consome Guimarães Rosa e Machado de Assis ao lado de um público que prefere José Mauro de Vasconcelos e J. G. de Araújo Jorge... são questões de horizontes de alcance do código que eles manipulam...

• Então, o que seria exatamente o horizonte de ex-

pectativa... ele depende do autor ou do leitor?

Fábio Lucas — ... Do leitor e mais ainda, da leitura.

• Falando de autor, obra, público (força histórica criadora) você se referiu a mídia histórica...

Fábio Lucas — Falei da mídia, porque na hora das questões, alguém se referiu a moda, então, aproveitei para fazer uma pequena digressão em torno de Roland Barthes sobre o problema e sistema da moda... em que ele mostra que a moda é uma criação tipicamente burguesa, pragmática econômica. Além do mais, tentei fazer algumas considerações sobre a vanguarda que também entra na linha da moda quando ela é invisível pela obsolescência radical, de tal forma que uma vanguarda é a morte de uma vanguarda anterior.

• O que você quis dizer com fruto visual de nossa miopia?

Fábio Lucas — O problema é que o relativismo, a possibilidade de deflexão que nós temos. Como os nossos órgãos sensitivos são falhos, nós estamos sujeitos a erros: erros de visão, erros de audição, erros de olfação etc. Esta relatividade de nossa percepção você pode colocar na linha do... quando ele critica o princípio da perceptividade dos indivíduos pelos formalistas.

• Mitos do progresso e mitologia burguesa.

Fábio Lucas — A mitologia do futuro. O burguês colocou o futuro como a era paradisiaca. Acontece que este futuro chega, geralmente, após a morte. Então, você nunca estará sendo contemporâneo de algo que te dê a felicidade. A felicidade está no dia seguinte... é um momento que vai surgir amanhã e que supera o momento que você tem hoje. Então você é embalado a confiar sempre num futuro que adia o estágio supremo de sua felicidade. É a sacralização do futuro para induzir as pessoas a esta busca do imamente da sua satisfação.

• ... E sobre o paradoxo de que só a última experiência e, ou o que importa é o que vem antes?

Fábio Lucas — Isto aí é uma crítica ao espírito da vanguarda pela vanguarda e não da vanguarda que é portadora da resposta criadora. A emergência de uma resposta criadora, uma suspensão de uma automatiza-

"O horizonte de expectativa depende do leitor e mais ainda, da leitura"

"Roland Barthes mostra que a moda é uma criação tipicamente burguesa, pragmática-econômica"

ção, quer dizer, uma desautomatização, uma desacademização, esta sim, é a vanguarda autêntica. Aquela que tem um efeito propagador é determinado por aqueles que começam a lutar, aqueles que coletivamente fazem uma proposta feita para um grupo. Agora, a idéia da vanguarda pela vanguarda de um espiritualismo obsessivo não leva a nada, leva a um beco sem saída.

• O que significa o genocídio compulsório das vanguardas?

Fábio Lucas — É relativo ao tempo... o destino natural de todas as vanguardas, é morrer...

• Você citou Marx (na hora) e disse que cada país se transforma em paródia de si mesmo... cada civilização se transforma em paródia de si mesmo.

Fábio Lucas — Bom, isto aí, nós temos que fazer um estudo do ponto de vista dialético. As formas de produção, na medida em que se burocratizam, na medida em que as civilizações estacionam quando nos une a sociedade de classes e tentam conservar divisão de classes, elas se expandem... as classes superiores, as classes econômicas tendem a estabilizar a situação mantendo a hegemonia. Ora, no momento em que estas classes se expandiam, elas na verdade estavam superando formas de produção arcaicas

anteriores, elas estavam conduzindo o processo evolutivo, o processo progressista... mas, assumida a posição econômica elas se comportam da mesma forma como se comportaram os seus antecessores, elas se burocratizam, elas se tendem a perpetuar no estado econômico. Então, de forças propulsoras, inovadoras elas se tornam retrógradas, recessivas... forças opressoras. Ai, então, elas parodiam o seu próprio passado, elas se tornam caricatura do que foram. A sociedade... até hoje, que conduziu a civilização ocidental a superar o estágio fechado das sociedades feudais quando havia a expansão do comércio, as navegações, etc. a esta civilização que universalizou o processo produtivo... hoje para se manter ela tenta construir uma imagem favorável e ao mesmo tempo o que está fazendo é uma paródia...

• Tudo o que tenha lugar no passado é história, mas só tem sentido quando possui lugar no presente... falando do romance histórico (Walter Scott e José de Alencar) que foi citado, houve gente até que afirmou que se aprendia mais história (antigamente) através dos romances, o que você pensa sobre?

Fábio Lucas — O romance é uma fonte secundária. A história serve para reter os fatos acontecidos. O romance pode ser uma fon-

"Toda vanguarda é morte de uma vanguarda anterior"

te, mas é uma fonte secundária. Agora, há pessoas que pegam fatos isolados e noticiam aquilo... quer dizer, é aquela coisa que falávamos no início, a capacidade do homem de criar mitos...

• E o contrário, por exemplo, a capacidade do historiador de produzir ficção...

Fábio Lucas — todos os

historiadores pouco de ficção

• Sobre a errância? Vou Machado de Assis e não sei se mas certa vez a Ernest Hemingway na biografia o livro que me influenciado e "você não ri Bíblia"...

Fábio Lucas — Hemingway com fluência de o inclusive de Hemingway... Hemingway uma morte da história quando ele chegou a guagem do jornalismo... Porque a linguagem sendo praticada mantendo, ela um mito post-jornalismo, da morte da rapidez... mação tende a qual e traz, luções (de impensas. Assim, a analítica se opõe dismos que em romances, ele criticar a ataque, frontalmente foi levado a Hemingway. rou a técnica sua narrativa... incorporo cinematográficação.

• Foi a Ge quem recomendou mingway que nasse o jornalista a frase — "O bom... mas cê o abandonou (risos)..."

• Sobre a autogênese do gênero burguês — gênero... Fábio Lucas — isso Felipe... livro bastante sobre o problema da biografia. Ele autobiografia tipicamente e outras sociedades não conheciam biografia é a um mito típico da civilização ocidental... mito do homem

• Sobre Sheraton (identificação concretos em fale também d

fazem um
ão.

fenômeno da
é falou em
Assis (influ-
ia ou Zola)...
cabe aqui...
perguntaram
Hemingway (es-
tia dele) qual
sais o havia in-
de respondeu:
r, mas foi a

— Mas o He-
mingsava a in-
utros autores,
Sherwood An-
emingway en-
mento interes-
ria da ficção
mbina a lin-
rnal (ele era
om a ficção.
o vinha
la desde o ro-
assumia uma
magestosa...

ção. Hoje, o
da a necessi-
de de infor-
ao estilo colo-
inclusive, so-
ormações) rá-
écnica jor-
ondo aos m-
a comum nos
ensinou o es-
r o... narra-
ente... e isso
perfeição pelo

Ele incorpo-
jornalística a
assim como
narrativa
a sua fic-

trude Stein
ndou a He-
ele abando-
lismo... com
jornalismo é
desde que vo-
em tempo...

obiografia —
és... e me-
ero feudal.

... Sobre
escreveu um
e intenso...
ema da auto-
acha que a
é um gênero
urguês e que
ades ainda
n... a auto-
expansão de
da civiliza-
que é o

wood Ander-
e os espaços
sua obra) e
os estetas co-

mo Edgar Allan Poe que fi-
zeram do final, o ponto al-
to da narrativa.

Fábio Lucas — Em Sher-
wood Anderson... os mes-
mos personagens aparecem
em vários contos. Então,
todos os contos se dão na
mesma cidade, a cidade que
dá o título ao livro (Wines-
burg, Ohio)... Houve esta
experiência (dele) o livro
parece um romance ou
uma série de contos. Os
contos são como capítulos
do romance. Isso seria mui-
to interessante para o estu-
do das seqüências de Ro-
land Barthes. Você tem uma
seqüência completa... vol-
tando, o Autran Dourado
na obra O Risco do Borda-
do, tem algo parecido...
são contos que fazem par-
te de um mesmo clima, de
uma mesma estrutura te-
mática... agora, quanto a

**"O burguês colocou o
futuro como a era para-
disíaca... acontece que
este futuro chega, ge-
ralmente, após a morte"**

importância da cena final,
O Edgar Allan Poe dizia
que todo o conto devia ter
um só efeito (e este efeito
fosse predeterminado)...
como se fosse uma anedota,
você tem o final e o en-
chimento você faz depois
... isto chama-se efeito
predeterminado. Esta idéia,
não sei se direta ou indire-
tamente, ou por uma coin-
cidência, foi explorada por
... formalista que ao falar

**"Todos os historiadores
fazem um pouco de fic-
ção"**

sobre a diferença entre
conto e romance, ele diz
que o conto é como se fos-
se uma equação com uma
só incógnita e o romance,
uma equação com muitas
incógnitas.

• Sobre o efeito de catar-

se (Aristóteles) e a histó-
ria o mestre da vida (cíce-
ro) em relação a história e
a narrativa.

Fábio Lucas — Eu esta-
va falando sobre como o re-
lato da história e o relato
da narrativa produzem um
efeito psicodinâmico no lei-
tor.

• Sobre obras que modifi-
cam o passado (Borges),
explique ou analise o para-
doxo.

Fábio Lucas — Quando
surge uma obra como:

**"O destino de todas as
vanguardas é morrer"**

"Grande Sertão: Veredas"
ele modifica o passado do
regionalismo... quer dizer,
nós passamos a olhar o re-
gionalismo de outra forma.
Quer dizer, ele é tão grande
que forma uma história
própria, ele cria um espa-
ço... a grande obra cria os
seus antecessores.

• Não pode haver histó-
ria da literatura contempo-
rânea porque o tempo ain-
da não falou.

Fábio Lucas — ... Um
lapso de tempo... só quan-
do o tempo passa é que faz
história.

• Sobre o texto de anto-
logia estão contados por-
que a moda passa.

Fábio Lucas — É muito
fácil explicar... porque ho-
je estão encaihando nas li-
vrrarias, várias coleções
(mal produzidas) de textos
estruturalísticos...

• Na resposta criadora
(resposta revolucionária)
Goethe — reprodutividade
da obra

Fábio Lucas — Há obras
que tem capacidade de pro-
pagação, elas não só são
obras que desautomatizam o
modo de fazer... como im-
põe um certo modo novo...
e este modo novo vai se in-
filtrando em outros auto-
res e assim vão surgir vá-
rios sub-Joyces e sub-Kaf-
kas e, ... subs-subs-subs.
etc. Estas obras vão se pro-
pagando e criando um novo
modo de fazer (esta obra)
elas reproduzem... vão
nascer dentro de outras
modalidades.

• Esta pesquisa da casua-
lidade, o que seria?

Fábio Lucas — Você tem
que estudar isso... que faz
parte do vanguardismo.
Por um princípio que se de-
lineam mais ou menos com
as inovações tecnológicas e
se passou a delegar as má-
quinas ou aos computado-
res a tarefa de compor e de
fazer poesia. Isso, é uma
experiência mais ou menos
grotesca e...

• Sobre um sistema auto-
matizado que gera um aca-
demicismo.

Fábio Lucas — A respos-
ta criadora, a resposta de a-
daptação tende a robotizar
a criação, fazendo dela uma
propriedade coletiva. A
medida em que a nova pro-
posta se torna rotineira, ela
se torna velha proposta, en-
tão ela se automatiza e as
pessoas passam a usar a
forma nova de uma forma
convencional. Ela se con-
vencionaliza. Então, se faz
necessário uma revolução
artística para sair desta afi-
nidade...

• O academicismo é rea-
cionário?

Fábio Lucas — O acade-
micismo é o uso das con-
venções já consagradas.

• A automatização da
obra exaure sua capacidade
de reproduzir estilos?

Fábio Lucas — Não. A
obra é em si. Ela não se
mistura. Agora, a automa-
tização dela, exaure a capa-
cidade dela de ser portado-
ra de uma mensagem nova.
Ela não aumenta — para
quem quer que seja — o re-
pertório de conhecimento,
porque o conhecimento já
é consagrado, já é de todos.

• O classicismo como es-
cola: forças de opressão,
contrapartida da tirania po-
lítica e forças de opressão...

Fábio Lucas — É verda-
de que o classicismo adota
formas pré-determinadas

**"... A resposta de adap-
tação tende a robotizar a
criação, fazendo dela
uma propriedade coleti-
va"**

Na medida em que você já
tem o caminho, a via pela
qual você vai ser um ótimo
escritor, o mais aplaudido e
consagrado... você está
tirando dos inovadores a
sua capacidade criativa,

porque criação aí passa a
ser a maior proximidade
com o modelo já imposto.
Modelo imposto...

• Agora, algumas pergun-
tas fora do contexto — A
literatura catarinense
primeiro quero perguntar
se ela existe...

Fábio Lucas — Hem?

(Risos)...

• Por que a literatura ca-
tarinense não se caracteri-
za como a mineira, a paulis-
ta, como a gaúcha... por
que não temos uma essên-
cia?

Fábio Lucas — Eu não po-
so dizer que não tenha uma
essência própria... eu ad-
mito que ela não teve a for-
ça propagadora que as ou-
tras tiveram...

• O fato de não ter difu-
são?

Fábio Lucas — Sim...
não posso afirmar isto as-
sim... o fato de não ter di-
fusão é uma das hipóteses
... é uma das hipóteses.
Eu creio que Sta. Catarina
tem resíduos culturais que
não estão ainda convenien-
te mobilizados e que devem
ser mobilizados e exporta-
dos para o resto do país

**"A técnica jornalística
se opondo aos "modis-
mos" que eram comum
nos romances, ensinou o
escritor a afetar o nar-
rativo frontalmente... e
isso foi levado a perfei-
ção pelo Hemingway"**

... porque há um modo de
ser brasileiro que é o cata-
rinense. Evidentemente
que cumpre ao meio inte-
lectual catarinense tentar
fixar este meio que é autô-
nomo. Porque no estudo
a cultura nós dizemos que
há uma descontinuidade
cultural. Descontinuidade
cultural... Então, se for-
ma uma cultura mineira,
uma cultura carioca, uma
cultura paulista... eu de-
vo falar também numa cul-
tura catarinense. Cumpre
ao analista, a pessoa que
determina o que houve, o
que determina a cultura ca-
tarinense o que seja esta
cultura. Pelos cálculos ela
difere das outras, ela é
descontínua... isto é obra
que os bons catarinenses
devem fazer.

"Me tirem do governo ou me matem"

Desespero ou retórica?

José Endoença Martins

I

Do Carnaval quero dizer (me permita o leitor amigo e paciente) o mesmo que já se disse (não sei quem, não sei onde) do estupro à virgem em vias de: Se ele é inevitável o negócio é relaxar e gozar." E tudo me leva a crer (salvo ataques de marcianos que andam rodando os céus noturnos do País, e tremores que andam tremendo São Paulo) que o Carnaval, à esta altura do campeonato, é inevitável por estas bandas do Terceiro Mundo. E em sendo inevitável o reinado momesco de que nos adianta assacar contra ou exorcizá-lo como tentou a Igreja infrutiferamente, no passado. Ao contrário, sejamos mais hedonistas, mais dionisíacos, mais bacantes, caindo na folia alegres, na gandaia eufórica, na alegria geral desarmados de tudo até que, na Quarta-Feira, as ásperas cinzas da consciência e da condição humanas nos despertem da letargia (anestesia) geral.

II

E é neste espírito, carnavalesco, (gozo e fruição totais) que vamos encarar as novas aparições públicas do nosso Presidente, agora Joãozinho/82, simplesmente porque o clima reinante convida a esta atitude, ainda há tempo para tanto e as eleições de 15 de Novembro (alguém duvida delas? Se duvida...) ainda não botaram o País em efervecência. Mas é justamente de eleições que fala o nosso Joãozinho/82, melhor, falou semana passada, em Cam-

pinas, São Paulo. Falou de improviso e de improviso Ele é Ele. Uma marca registrada que caracteriza um temperamento explosivo ("Eu explodo") e justiceiro "Eu prendo e arrebento").

III

Pois é, vejamos o quê ele disse aos campinenses. O Joãozinho/82 afirmou, por exemplo, que não está preocupado com a incorporação do PP e PMDB porque "é problema deles". O PDS, porém o preocupa e bastante, mas não só o Partido mais também o fato de ter, a seu lado, o povo a ponto de dizer:

"Tenho fé em que o povo está entendendo a minha abertura política, por que eu tenho falado com tanta sinceridade ao povo que tenho fé que sim".

Claro, Presidente, o povo entende a sua abertura, porém não é esta a que o povo quer e precisa. Esta vem do Regime vive longe do povo. Para não alongar muito, a abertura que nós queremos é pra já, não, pra ontem, grande, total, e com todos os riscos, conseqüências, erros e acertos que uma Democracia plena pode acarretar. A Democracia, como soro que desceu em gotas compassadas pra dentro da veia do povo, que nos impingiram até agora, não curou o doente. Ele continua ainda na unidade de recuperação. E mais: nem só de fé no seu Presidente vive um povo brasileiro. Há necessidade de acordo político-social-popular imediato. E como diria São Paulo: "A fé sem obras é vã." Tá se vendo.

IV

Além da fé pedida e da oferta de casa popular para 25 milhões de brasileiros até 85, o Joãozinho/82 foi além nas suas promessas quando bradou "Essas eleições vão se realizar a não ser que me tirem do Governo ou me matem".

Quando ouviu a santa ira do João, embalada nas comemorações de Campinas, São Paulo só não tremeu por que já tinha tremido tudo que podia, antes; nos céus brasileiros, marcianos não perseguiram mais aviões da Vasp por que o Maluf já tinha exorcizado todas as naves. Justa ira a do Presidente.

V

Porém, uma pergunta: Como explicar a ira do Joãozinho/82? Não há o que explicar. É puro estilo, retórica. As eleições vão se realizar por que a sua realização já não depende mais só do Presidente, mas configura uma exigência e uma conquista de toda a sociedade civil. O voltar atrás, isto é, mudar a expectativa nacional quanto ao pleito de 15 de Novembro, ninguém nem mesmo Figueiredo tem coragem de assumir nem os duros do Regime; nem por conta e riscos próprios; aqueles pra quem quanto pior melhor. A abertura possibilitou maior fiscalização das sociedades civil (partidária também) dos atos do Governo e do Regime. Recuar agora não se pensa, não se pode, nem se deve.

VI

Por isso mais parece fruto de um estilo e retórica pessoais o "me tirem do Governo

ou me matem" do João. Estilo franco, é lógico, que aflora nos improvisos mais como respostas a indagações de repórteres, julgadas maldosas, e que revela o estilo a não conformação da personalidade fogosa do João em luta com a frieza do cargo lhe fizeram ocupar. Este estilo, esta retórica de improviso (se lembram de "desviem suas bombas para a minha cabeça", "o tiro no coco", "o cheiro de cavalo", "eu explodo", ou "eu prendo e arrebento") é apenas a fachada pra consumo externo, venda de uma imagem, agrada muitos e desagrada outros, porém nada tem de dramático. Quer sugerir, talvez, apenas que ele ainda detém o controle da situação. Porém não controle total. Parte deste controle depende da ação democratizante da sociedade civil e dos partidos de oposição.

VII

Evidentemente, todos os riscos ainda não foram afastados. O regime está cuidadoso (e com medo) porque isolado, sem apoio da sociedade. Daí a necessidade que sente de criar regrinhas casuísticas para não perder o controle total. Alguma coisa é preciso entregar ao inimigo (sociedade civil), os anéis, não os dedos, é claro. Por isso, as eleições acontecerão, a rédeas curtas, evidentemente, para aliviar tensões e o Regime poder respirar mais tranquilo. Figueiredo não vai cair, nem vai morrer. É a nossa esperança. Ruim com ele, pior sem ele, certamente. Com a retórica mudada, é claro.

Estudante.
Crie, ouse, renove, construa.



TOALHAS
indaich



Entrevista com Renato de Mello Vianna

A MARIA ODETE OLSEN

Com 37 anos, advogado formado pela Universidade de Federal de Santa Catarina, além de dois anos cursados na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, Renato Vianna, atual Prefeito de Blumenau entrou para a vida política como secretário do MDB de Blumenau por volta de 70. Na época Lazinho era prefeito.

Maria Odete — Em que Santa Catarina será beneficiada, elegendo Renato Vianna, deputado Federal?

RENATO VIANNA — Nós vamos enfrentar uma vida nova. Temos trabalhado diuturnamente num cargo executivo durante cinco anos e meio, e tenho certeza que em primeiro lugar a nossa experiência nova na Câmara federal se formos eleito e vamos colocar no dia quinze de novembro a nossa administração em julgamento e o fazemos conscientemente, nós vamos procurar realmente propugnar por interesses de a muito esquecidos por representantes do povo eleitos aqui no estado barriga-verde. Sem qualquer demagogia, é claro que um deputado sozinho nada pode fazer em quanto não se der dignidade ao poder legislativo. Esse poder hoje, é um poder emasculado, apequenado e que não tem inclusive poder de decisão. Verdadeiros fantoches porque não tem condições de realmente lutar pela sua região, como se o poder executivo fosse, é até hoje um poder ainda castrado após a revolução de 1964. Um ou outro lampejo tem marcado e pontificado o posicionamento do legislativo durante esses anos, como ocorreu recentemente, quando o poder legislativo rechaçou o projeto do governo que previa a sublegenda para o governo do estado. Mas na verdade, o que nós precisamos acima de tudo, é devolver a dignidade ao poder legislativo. Só então, realmente nós poderemos dentro de uma estratégia que já estamos começando a montar, de elaborar um plano de meta. E esse plano de meta, esse compromisso que nós vamos adquirir com a condição de deputado federal, se formos eleito, é de dividirmos o

nosso trabalho em diversas áreas. Primeira delas porque sentimos na própria carne, seria a de propugnar pela descentralização tributária dos municípios brasileiros. De dar aos municípios, a verdadeira autonomia, não só política mas administrativa e financeira. Os municípios hoje estão empobrecidos, é preciso que a eles se devolvam pelo menos parte substancial da sua arrecadação; que o governo busque através de instrumentos próprios, de devolver aos municípios, não só o percentual mais adequado do imposto sobre circulação de mercadoria, que do imposto de renda através do fundo

O Estado deve assumir de vez a responsabilidade pela educação do povo brasileiro sem qualquer privilégio.

de participação dos municípios, eles realmente recebam uma parte mais aquinhada e que, quem sabe através de outros instrumentos até, o município possa adquirir a sua independência financeira. Gostaria de dizer que na área da educação e na área da saúde, que foram as duas metas principais do nosso governo, seria de fazer com que o governo novamente aplique recursos expressivos na educação. O governo hoje obriga o município a aplicar 90 por cento da sua receita. Em contra partida o governo federal aplica só quatro por cento da sua receita. Isso vale dizer que Blumenau por exemplo, tem 35 escolas de primeiro grau, 15 ginásios e ainda ajuda diversas entidades particulares, jardins de infância e pré-escolar além de ajudar a

universidade. Ora, daqui a uns dias, quer me parecer que transferindo responsabilidade, como nós estamos assistindo, os municípios terão de arcar até com o ensino de segundo grau e até quem sabe com o superior. Isto é um absurdo, quando o governo nós sabemos, é quem arrecada, é quem fica com 93 por cento da fatia do bolo tributário e devolve aos municípios somente sete por cento ou até menos, atualmente com as modificações realizadas. Então nós vamos realmente propugnar, para que o estado assumira de vez a sua responsabilidade pela educação, do povo brasileiro sem qualquer privilégio. Nós estamos assistindo nesse país, realmente, quer me parecer por interesse do próprio governo, uma massa de ignorantes, como verdadeiros animais que são levados a bel prazer dos governantes, que tem interesses que aqui continue sendo um país de analfabetos, em que as crianças, hoje já em sete milhões não assentadas no banco escolar; e aquelas que vão a escola, vão apenas como no Nordeste, receber a merenda escolar, para efeito apenas de

Justamente o que nós queremos é que este Conselho de Cultura, não seja apenas uma associação de fachada.

mitigar a sua fome. É necessário realmente transformar esse país, num país igual. É certo que as diferenças regionais são tantas, que um postulante a câmara federal do sul, não pode ter o mesmo plano de metas de um deputado federal do Nordeste, Cen-

tro-Oeste ou Norte deste país. Nós vamos tentar na área da saúde principalmente, fazer com que essa instituição falida que é o Instituto de Previdência Social, e a própria estrutura médica que hoje descontenta não só o próprio beneficiário do Instituto Nacional de Previdência Social, mas descontenta o próprio médico e descontenta até mesmo o governo, seja realmen-

O Banco Social é um banco elitista que fornece empréstimos para a compra de apartamentos em balneários... palacetes, sem atender a necessidade primeira do povo brasileiro, que é a habitação.

te um instrumento real de atendimento da comunidade mais carente. O município está quase que obrigado a tomar responsabilidade que não são de suas atribuições. Aqui em Blumenau por exemplo, nós temos dado assistência médica ao pobre, ao mais carente, procurando cobrir deficiências do INPS, com atendimento médico e odontológico nos bairros mais carentes, fazer principalmente com que o dever, a obrigação das grandes empresas de instalem creches e darem total cobertura a mãe operária, seja cumprida a risca. O que ocorre hoje, é que essas empresas estão protelando a sua obrigação de montarem creches e dar assistência a seus operários, ou pelo menos que o governo federal interfira, não basta apenas uma legislação de fachada, mas que a lei estabeleça, o que até então talvez por interesses poli-

ticos do próprio governo, não foi cumprido. Se faz necessário que a mãe, o operário, tenha realmente a segurança social devida, a segurança do trabalho, mas que também os seus filhos possam desfrutar de toda a segurança necessária para um desenvolvimento psico-social adequado. Na área da agricultura, nós estamos vendo inclusive, hoje, o próprio homem do campo desolado, o homem do campo que não recebe por parte do governo que hoje aumenta os juros próprios subsidiados,

Dirceu Carneiro num projeto dele próprio, um projeto elogiado por esse país todo, em forma de mutirão, está procurando atender as necessidades e as carências do município de Lages. Nós temos auxiliado na medida do possível os mais carentes. Inelizmente o governo federal tem procurando fugir a sua responsabilidade maior, e o Banco Social que deveria ser um banco voltado para os interesses dos mais carentes, dos mais necessitados, é ainda um banco elitista que fornece empréstimos para a compra de apartamentos em balneários ou para palacetes, sem atender a necessidade primeira do povo brasileiro, que é a habitação. Há necessidade realmente que se aplique recursos volumosos nessa faixa ao trabalhador que recebe um a três salários mínimos e se coloque todos os estabelecimentos de crédito do governo federal, a caixa econômica, o próprio BNH, ou bancos credenciados a disposição do homem urbano e quem sabe do homem rural. Porque há necessidade também que se estabeleça um critério, no ressarcimento no resgate da dívida com a previdência social. De nada adianta hoje o homem realizar o seu sonho de ter a sua casa própria, pagando sobre um salário já minguado percentual para o BNH, a sua habitação, e que amanhã ou depois ele não tenha condições pela inflação e pelo custo do nosso dinheiro, de pagar essa pró-

Nós não temos aqui um movimento cultural que possa harmonizar perfeitamente os interesses, sem que haja conflitos... mesmo formado o Conselho de Cultura.

pria prestação e se ver na obrigação de vender a sua casa, ou de entregar a sua casa ao próprio Banco Nacional de Habitação. Portanto há necessidade de se mudar determinados critérios e costumes administrativos deste país.

MOO — Prefeito, a sucessão municipal em Blumenau, também está se tornando um assunto polêmico, por causa da sua indefinição. Afinal quais serão os candidatos?

RENATO VIANNA — Nós já conquistamos uma grande vitória com a eleição do senador Jaison Barreto na pré-convenção realizada no dia 23 e João Linhares ao governo do estado. Nós agora estamos aqui a nível municipal, estabelecendo os contatos derradeiros, para a definição dos nomes ou do nome que concorrerá a prefeitura municipal de Blumenau. O que ainda nos aflige é justamente não saber se o novo pacote do governo que vem aí estabelecerá vinculação de votos em todos os níveis, se haverá ou não a sub-legenda ou se haverá a supressão da sub-legenda atual para o governo municipal. Se os prefeitos atuais terão condições ou não de pleitearem a sua reeleição. Então nós estamos ainda sem conhecermos definitivamente as regras do jogo. O que nós estamos é trabalhando. São vários nomes que estão percorrendo o município, é o João Manoel de Borba Neto, o Dr.

Houve, sem dúvida nenhuma, influências ponderáveis do reitor (José Taffner) que junto com o professor Lourival Beckhauser tentava se perpetuar no cargo.

Paulo Baier o Jair Girardi e o Rodolfo Sestrem com uma chapa. Dalto dos Reis, e quem sabe, pelo menos se vê pela imprensa de quando em vez, a disponibilidade do Senador Evelásio Vieira, de concorrer também em sub-legenda ao governo municipal de Blumenau.

MOO — POIS é, com Relação ao senador Evelásio Vieira e ao próprio PP. Ainda não se teve notícias ou se ouviu falar de entendimentos entre o PMDB de Blumenau e o PP. O que se sabe é de uma recente visita de ex-prefeito Félix Theiss. Onde está a resistência, porque esse entendimento ainda não aconteceu?

RENATO VIANNA — Eu realmente eu acho que há necessidade de uma aproximação maior. Os nossos contatos tem sido feitos a nível municipal com o ex-prefeito Félix Theiss, que é nosso amigo e aonde pelo menos nós temos procurado tirar algumas arestas dos dois partidos que

agora incorporados tem não só o dever, mas a obrigação de em nome da oposição brasileira de conquistar várias posições nesse país. Blumenau foi sempre um quartel general do PMDB, de partidos de oposição. Tanto é verdade que os dois senadores da república são daqui: Jaison Barreto e Evelásio Vieira. Evelásio Vieira, ex-prefeito hoje com seu mandato a terminar, tem necessidade de se sentar a mesma mesa, hoje, de Jaison Barreto, de Álvaro Correia, Renato Vianna, de Félix Theiss para que possamos definir a nível municipal e quem sabe até a nível estadual o quadro político diante da incorporação. Os contatos, e quer me parecer já foram iniciados pelo senador Jaison Barreto que recentemente no aeroporto de Navegantes conversou com o Senador Evelásio Vieira, e nós estamos nesse instante (tarde de 08/03) telefonando ao ex-prefeito Félix Theiss, pedindo que dentro dos próximos dias, compareça ele e peça ao senador Evelásio Vieira que compareça a reunião do PMDB na prefeitura ou em qualquer outro local, para que possamos de uma vez por todas definir o quadro a nível municipal e a nível estadual, aqui na região do Vale do Itajaí. Portanto nós acreditamos que vai prevalecer o bom-senso, que nós vamos sentar à mesa, esquecer quem sabe, de alguns atritos havidos no passado, o que importa agora é somar, o que nos importa hoje, importa a todos os catarinenses principalmente oposição, é vencermos o governo do estado. Então, eu acho que esse entendimento vai ser feito, deve prevalecer como disse o bom senso, nessa hora dramática e tão decisiva da política brasileira e da política catarinense, que nós estamos vivendo.

MOO — A possibilidade de João de Borba Neto sair candidato a deputado estadual, não é um contra-senso?

RENATO VIANNA — Eu não poderia realmente responder, porque tanto... o que nós não queremos é queimar qualquer um desses nomes, além de presos pelos vínculos de amizade a nós mesmos e a todas as lideranças locais... nós, como disse não sabemos ainda as regras do jogo. Não adianta nós lançarmos três candidatos se amanhã ou depois, o governo tira o direito de concorrer em sub-legenda a nível municipal. Com o lançamento de

Blumenau é vanguardista, uma cidade do interior que conseguiu projeção nacional por seus valores.

que de quinze por cento há dois anos atrás para os empréstimos agrícolas, foi elevado a 47 por cento. Ao passo que, ao invés de se estimular justamente o pequeno proprietário, o pequeno criador rural, nós estamos assistindo justamente o contrário. O êxodo rural provocado pelo descaso do governo. Nós temos de fazer com que o homem do campo, o operário, adquira pelo menos a confiança perdida no governo. É necessário que não hajam diferenças entre o trabalhador urbano, o homem urbano e o homem rural, o homem do campo. Que eles tenham as mesmas garantias sociais, os mesmos benefícios previdenciários, o acidente do trabalho que também o atinge por completo, então há a necessidade de nós propugnarmos por esses benefícios em favor do homem do campo. além disso, é necessário que se diga de que dentre outras preocupações que nós haveremos de ter se formos eleito deputado federal, seria no sentido de fazermos com que o Banco Nacional de Habitação, uma verdadeira instituição, o maior banco social deste país trabalhasse voltado para os interesses dos menores. Hoje e até pelo que tenho visto a própria supervisão do governo do estado aqui, venha a dizer que o município não tem nenhuma responsabilidade de habitação, que habitação é do governo federal, e é ele que deveria dar a habitação a todos, para que vivam decentemente, hoje a exemplo de Lages, uma prefeitura do PMDB, o próprio prefeito



duas vagas para deputado estadual. Então nós temos de ocupar esses espaços. É claro que um desses nomes, Dalton dos Reis, Paulo Baier ou João de Borba Neto, não poderão os três concorrer a prefeitura e dependendo desse entendimento, a mesma mesa dentro de um clima de amizade perfeita, nós vamos encontrar a definição para que um concorra a câmara estadual, junto com o deputado Alvaro Correia, quem sabe mais um do PP, nós vamos ouvir os companheiros do PP, hoje incorporados ao PMDB, e

O homem público necessita de pressão e tem o dever do diálogo permanente com a comunidade.

que nós possamos ao menos contar com dois nomes, para a formação de uma única chapa ou de duas chapas em sublegenda para concorrer com mais uma do PP.

MOO — Apesar de Blumenau ser considerada um dos centros culturais do estado, na realidade aqui a gente se recente de talvez, uma política interna cultural. Um exemplo disso é o recente nomeado conselho de cultura que já está ameaçado de desintegração por interesses internos. Como é que o senhor está vendo isso?

RENATO VIANNA — É, eu acho que o conselho de cultura aí está, nós já marcamos a posse e não só o conselho da cultura, eu acho que nós deveríamos realmente, porque Blumenau é a cidade hoje mais importante culturalmente no interior do estado de Santa Catarina e não recebemos qualquer apoio federal,

estamos inclusive assistindo aí — Blumenau acaba de perder quase o projeto Pixinguinha, um projeto que nós conseguimos com o Márcio Tavares do Amaral, que é blumenauense e chefe de gabinete do ministro Portella e que agora, graças a interferência de alguns blumenauenses, como Roberto Buechler que tem uma amizade muito grande com alguns integrantes da Funarte, talvez nós possamos ainda reconsiderar essa decisão. Mas o que vale dizer aqui, não só no campo da cultura, no campo do turismo, as cidades como Blumenau que tem realmente merecido elogios de uma projeção maior a nível nacional, são abandonados. Nós não recebemos nada, praticamente nada do governo federal. Nem em projetos turísticos, nem em projetos de educação de vulto. Nossa própria universidade, com dificuldades tremendas, nós não temos aqui um movimento cultural, que possa harmonizar perfeitamente os interesses, sem que haja conflitos e mesmo formado o conselho de cultura. Nós sabemos que cada artista pensa a sua maneira e que as vezes o próprio conflito é necessário. Mas há grupos, grupos que se degladiam, grupos que se pretendem chocar uns contra os outros em prejuízos da própria cultura. Justamente o que nós queremos é que esse conselho de cultura, não seja apenas uma associação de fachada. Mas que venha realmente a trabalhar desinteressadamente pela cultura aqui de Blumenau e do Vale do Itajaí. Então há necessidade de nós nos conscientizarmos mais do que nunca, de que

Havia o interesse da Reitoria de continuar mantendo "a mesma chacinha" na direção da FURB. Nós fomos contra.

Blumenau é hoje vanguardista, uma cidade do interior que conseguiu projeção nacional pelos seus valores. Uma cidade que compõe um conselho de cultura com dezessete artistas, e que tem demonstrado através de nomes de projeção nacional, que tem condições realmente de movimentar-se culturalmente. Blumenau parece que vive ainda numa letargia, num sono e que

não há condições de se movimentar em benefício da nossa cidade, do nosso Vale.

MOO — A culpa disso seria, então dos próprios membros do conselho de cultura, paralisados, sem agilização, a espera de uma cabeça?

RENATO VIANNA — Eu acho que sim. Eu não quero jogar a culpa só a eles, eu acho que precisa, eu acho que tem que haver vontade, tem que haver o interesse. Nós temos que participar efetivamente, essa entidade necessariamente não precisava ser uma entidade pública. Eu acho que qualquer associação poderia se formar até sob o

Nomeamos uma pessoa independente.

ponto de vista privado, que tivesse força de pressionar as autoridades não só a nível municipal, mas a nível estadual, a nível federal... eu acho que o homem público necessita de pressão. Eu tenho dito sempre, homem público tem o dever do diálogo permanente com a comunidade. Ele não pode escolher, as obras não podem nascer de cima para baixo, os atos não podem ser impostos de cima para baixo. Os atos tem que ser conquistados através de pressão do próprio povo, e através destas pressões, destas pressões legítimas é que se faz o processo democrático legítimo. Por isso nós entendemos que todas as classes devem se organizar, os próprios intermediários, sindicatos, a juventude, as mulheres, o trabalhador do campo, o trabalhador sindical, o trabalhador da cidade, o trabalhador urbano devem realmente em grupo pressionar as autoridades constituídas para que conquistem os seus reais, os seus verdadeiros direitos.

MOO — Só mais uma questão prefeito, o senhor disse que tem 95 milhões de cruzeiros que vai agora aplicar aqui em Blumenau, em obras de canalização, decorrentes destes problemas constantes que temos com enchurradas. Essa aplicação já está acontecendo?

RENATO VIANNA — Já. Já estamos mechendo em vários locais, eu estive vistoriando pessoalmente, estamos mechendo no nivelamento da

rua 30 de outubro, atrás da rodoviária, rua Santa Quitéria, rua São João, rua Aurora um investimento realmente de grande vulto, mas que vai solucionar quer me parecer o problema das enchurradas naquela região (Itoupava Norte) Estamos já adquirindo, estão já sendo colocados no local os tubos para canalização da rua São Paulo, já estamos inclusive nos deslocando para a rua da Glória para fazer também a sua canalização e vamos então cumprir esse cronograma. Rua Floriano Peixoto, aqui no centro da cidade, e outros locais, outros pontos mais críticos. Portanto além do ribeirão Jararaca, do Ribeirão do Tigre, nós vamos fazer estes trabalhos principalmente para atender, para procurar minimizar os efeitos e quem sabe demonstrar a boa vontade do poder público na solução do problema das enchurradas que hoje é o problema mais grave ou quase, um dos mais graves. Quer me parecer que como deputado federal, também não vou me esquecer de lutar pela barragem de Ibirama, obra que foi abandonada pelo governo federal. Nós estamos vendo aí uma Blumenau-Navegantes paralisada ou andando passos de lesma. Nós estamos vendo o descaso do governo do estado por exemplo, na restauração da ponte do salto. e é ou não monumento histórico, quer me parecer que o povo não está muito preocupado e eu tenho o meu critério de avaliação e cada um tem o seu. Fiz conscientemente o que o povo quer,

Arlindo Bernardt, com seus méritos e uma equipe bem montada deverá levar a universidade aos seus verdadeiros caminhos.

realmente é a restauração, e que se devolva mais uma ponte a comunidade blumenauense. Já são decorridos alguns dias, quase um mês, e a ponte lá está. Se nós tivéssemos iniciado ela já estaria, praticamente em andamento, nós daríamos a comunidade uma obra dentro de sete meses e o que nós estamos vendo é que o tempo está passando, e o governo, o PDS não se meche.

MOO — Prefeito, uma questão de interesse universitário, já que o Acadêmico é voltado

para esta classe. O Senhor nomeou a nova direção da FURB, não levando em conta os candidatos de maior aceitação por parte dos universitários, uma vez que ali foi realizado um plebiscito. Essa atitude não vai contra a própria democracia que o senhor prega?

RENATO VIANNA — Não vai porque eu vou abrir pelo menos o jogo, e vou falar com muita sinceridade. Esta pergunta me foi feita inclusive num programa de televisão recentemente. Quero dizer que antes de convocar o professor Arlindo Bernardt a quem tenho realmente admiração e acho, entendo que será um bom reitor, pelo menos dentro dos nomes escolhidos, nós havíamos contado com dois professores. Professor desembargador João de Bor-

ba e com o diretor da faculdade de Ciências Econômicas Celso Zipf. Eles declinaram dos seus nomes para compor a lista sextupla, ou pelo menos não concorreram as eleições no colegiado da FURB. Diante da nominata que nos foi apresentada, dos seis nomes, em que o professor Arlindo Bernardt, o professor Paulo Oscar Baier e o professor Lourival Beckhauser lideravam para a reitoria e que o professor Bráulio Shloegel liderou solitariamente para a vice-reitoria, nós demoramos ainda trinta dias para nomearmos o reitor, tentando ver da possibilidade do engenheiro Paulo Oscar Baier, nosso presidente de urbanizadora e ex-diretor da faculdade de engenharia, de ocupar este cargo. Mas diante de um movimento do próprio partido que cogitava do nome de

Paulo Oscar Baier para que viesse a concorrer as eleições, não seria justo que nós o nomeássemos reitor por três meses. Nos sobrava então dois nomes, o prof. Arlindo Bernardt e o professor Lourival Beckhauser. E nós não acreditávamos e discordamos da própria maneira como foi montada a votação. Houve, sem dúvida nenhuma, influências ponderáveis do próprio reitor atual José Tafner que junto com o professor Lourival Beckhauser, tentava o reitor José Tafner, se perpetuar no cargo. O continuísmo é prejudicial. Nós somos prefeitos, lutamos e somos da rotatividade. É preciso que novos prefeitos venham. Nós somos contra a reeleição de prefeitos. Há necessidade de novas idéias, há necessidade de novos pensamentos, de pessoas com outros hábitos pa-

ra que haja justamente o processo democrático. Quando nós sentimos de que havia o medo da reitoria, o interesse da reitoria de continuar e de manter "a mesma chacinha" na direção da FURB, nós fomos contra. Nomeamos uma pessoa independente e achamos que o reitor já era da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras por dois anos, a faculdade de direito merecia também ter o seu reitor. Ademais, vale ressaltar, que o professor Arlindo Bernardt não é diretor da faculdade de direito por um mandato, por dois mandatos. Então, ele tem o seus méritos, nós acreditamos que com uma equipe bem montada ele haverá de, realmente, levar a universidade para os seus verdadeiros caminhos.

MOO — Valeu. Obrigada.

Concurso de Poesias

REGULAMENTO

A Prefeitura Municipal de Itajaí e a Comissão Municipal de Cultura por este regulamento instituem o Concurso de Poesia do X Festival de Inverno de Itajaí.

Art. 1º — O presente concurso destina-se a estudantes e ao público em geral, deste que o concorrente não possui livros publicados.

Art. 2º — Não há prescrição quanto à forma ou ao conteúdo, assegurando-se plena Liberdade temática e expressiva.

Art. 3º — Cada concorrente deverá apresentar 2 (duas) poesias originais e inéditas, cada uma delas em 5 (cinco) vias, em papel ofício, datilografado em espaço 2 (dois) e de um só lado da folha.

§ único: Serão admitidos quaisquer processos de reprodução, desde que as cópias apresentem-se bem legíveis.

Art. 4º — Nos textos dos trabalhos enviados deverá figurar claramente o pseudôni-

mo do concorrente, mas nunca seu nome ou assinatura. Num envelope menor, fechado, subscrito com o pseudônimo, o concorrente remeterá folha com nome completo, endereço, telefone, números do CPF e da Carteira de identidade, além de breves informações sobre seu currículo.

Art. 5º — Os trabalhos deverão ser remetidos até o dia 15 de maio para:

Prefeitura Municipal de Itajaí
 Secretaria de Desenvolvimento Social
 Departamento de Cultura e Esporte
 Concurso de Poesia do X Festival de Inverno
 Caixa Postal 45 - 88.300
 Itajaí - SC

Art. 6º — Em hipótese alguma serão devolvidos os exemplares das poesias concorrentes, premiadas ou não.

Art. 7º — A Comissão Julgadora será indicada pela Comissão Municipal de Cultura e deverá ser constituída por

nomes de reconhecido valor estadual.

Art. 8º — Haverá uma premiação especial para autor nascido ou residente em Itajaí há mais de 3 (três) anos, ou, ainda, que, comprovadamente, participe do movimento literário de Itajaí, a critério da Comissão Julgadora.

§ único: Os concorrentes a este prêmio especial deverão escrever a palavra "ITAJAI-ENSE" no envelope em que remeter seus trabalhos.

Art. 9º — Um mesmo autor poderá acumular os prêmios de melhor autor itajaiense e outro qualquer dos previstos neste regulamento.

Art. 10º — Os prêmios no valor de Cr\$ 80.000,00 (oitenta mil cruzeiros) serão oferecidos da seguinte maneira:

- 1º lugar: Cr\$ 30.000,00
- 2º lugar: Cr\$ 20.000,00
- 3º lugar: Cr\$ 10.000,00

Art. 11º — Além dos prêmios acima discriminados, poderão ser concedidas menções honrosas a critério da Comis-

são Julgadora.

Art. 12º — As decisões da Comissão Julgadora serão irrecorríveis, reservando-se à mesma o direito de não atribuir quaisquer dos prêmios, desde que o nível dos trabalhos apresentados esteja em defasagem com o objetivo do presente concurso.

Art. 13º — Os resultados da premiação serão publicados durante o X Festival de Inverno de Itajaí, de 18 a 31 de julho de 1982.

Art. 14º — Aos promotores do presente Concurso reserva-se o direito de, no prazo de 2 (dois) anos, imprimir livro ou de utilizar-se de qualquer outro meio de reprodução para divulgação das poesias classificadas, sem nenhuma compensação extra a seus autores. No caso de venda de exemplares destas coletâneas, toda arrecadação deverá ser revertida para entidades culturais de Itajaí.

Art. 15º — O Concurso de Poesia se realiza este ano em homenagem a Gaspar da Costa Moraes.

Art. 16º — Os casos omissos serão resolvidos pela Comissão Julgadora.



FININVEST
 FINIVEST ESPECIAL

COM ELE VOCÊ COMPRA À VISTA E PAGA À PRAZO.

Para adquirir o FINIVEST ESPECIAL você não paga nenhuma despesa, faça o seu.

Rua Nereu Ramos, 43 — Blumenau - SC — Fone: (0473) 22-0868